

## O UNIVERSO DO ALUNO INGRESSANTE: UMA PERSPECTIVA DE MÚLTIPLOS DESAFIOS\*

*Cilene Aparecida Costardi Ide\*\**

Aprender aspectos inerentes à vivência do processo de profissionalização no âmbito do ensino superior, tendo por opção, consciente ou não, a inserção no mundo da Saúde e, especificamente, no da Enfermagem, pressupõe identificar alguns dos inúmeros desafios a serem enfrentados por vocês estudantes no decorrer dessa jornada, como condição necessária à compreensão do seu próprio tempo e do seu próprio espaço.

Nesse contexto, o primeiro desafio a exigir de vocês audácia, diz respeito ao assumir-se enquanto aluno numa universidade pública e gratuita num país cuja elite vem eficientemente tentando desqualificar inclusive o sistema educacional de 3º grau. Assim, enorme é este desafio porque também enorme e generalizado tem sido a espoliação. Vivemos hoje a banalização da violência em suas diferentes manifestações. A ausência de princípios impera soberana, minimizando a força da intencionalidade pautada na capacidade de, coletivamente, criar e construir o livre caminho da soberania nacional. Busca-se uma identidade diluída num contexto de dependência e subserviência que, negando nossa própria origem, nos força a viver exatamente o que outros desejam. Num país de joelhos para a sua história, difícil e ousada a missão daqueles que tentam qualificar sua profissionalização, buscando na universidade o fórum privilegiado para tal intento.

Entretanto, cabe salientar nossa convicção e reiterar que assumir tal iniciativa vale a pena. Nossa universidade sofre porém resiste. Esse contexto de crise sem precedentes históricos ao mesmo tempo em que põe em risco a sua sobrevivência, dialeticamente, potencializa a capacidade institucional de se sobrepor à realidade de burocratização, fragmentação e subestimação do trabalho acadêmico. Nesse cenário, as universidades públicas sobrevivem graças ao compromisso daqueles que, reagindo aos desafios, ainda vêm tentando implementar estratégias da preservação capazes de resistir à investida daqueles que procuram impor ao seu trabalho conceitos de modernidade e eficiência esvaziados de princípios, teoria, ciência e crítica.

Agora, vocês também fazem parte desta comunidade. Juntos poderemos

---

\* Aula inaugural proferida no dia 24 de fevereiro de 1992 no Auditório Maria Rosa Souza Pinheiro da Escola de Enfermagem da USP.

\*\* Enfermeira. Professor Doutor do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica. Presidente da Comissão de Graduação da Escola de Enfermagem da USP.

marcar nosso tempo, imprimindo nele o cunho de nossas reivindicações. Educação pública e gratuita em todos os níveis é um direito de todos sim. Não é privilégio de elite nem ônus de poucos. Representa simplesmente a continuidade do processo de formação necessária à capacitação e ao compromisso social que ela deve representar. E, reiterando a concepção de SERRA<sup>6</sup>, “mesmo que venha a superar os angustiantes problemas de curto prazo que sufocam sua economia, o Brasil não conseguirá retomar de forma sustentada seu desenvolvimento se mantiver os padrões educacionais vigentes..., sendo necessário que a obsessão educacional tome conta do país”, é que considero ousado porém extremamente necessário que vocês banquem esse primeiro desafio. Até porque, para os que aqui chegaram, a USP também se preparou. Além da graduação, nossa universidade garante àqueles que se propuserem, o acesso a programas de complementação e aprimoramento que abrangem a formação básica em uma língua estrangeira e em computação. Nossos laboratórios e bibliotecas já se encontram informatizados e engajados a centros de referência, de âmbito nacional e internacional. O quadro de docentes e funcionários ainda prima pela qualidade pautada, inclusive, na diversidade. Intensa é nossa atividade cultural e várias as possibilidades de lazer já que, da vida, com certeza, só levaremos o que aprendemos e intensamente vivemos.

Assim, caracterizado o primeiro desafio vale identificarmos o segundo deles. Segundo porém não menos inquietante já que, agora, analisaremos a inserção na peculiaridade das práticas de Saúde, enquanto contexto determinante/determinado, inclusive, pela intencionalidade de nossas concepções, compromissos e capacidade de intervenção nas ações inerentes ao processo do assistir e do cuidar. Se o modelo econômico-social perpetua um processo anti-natural que se inicia com a diversidade nas condições de nascimento e que acompanha a maioria dos que sobrevivem menos do salário do que de esperanças será no âmbito da Saúde que tal modelo manifestará sua face mais cruel. Será conosco que pessoas expostas às diferentes formas de privações e violências virão procurar socorro. Pessoas submetidas a agressões que moldam seus traços, deformam seus corpos, corpos distintos porque distintas são as formas de trabalho e consumo, destruindo seus sonhos e usurpando suas vidas. E nunca estivemos tão mal preparados para atendê-los. Conjunturalmente, o Sistema de Saúde não somente não conseguiu operacionalizar as garantias constitucionais arduamente conquistadas como também não vem conseguindo se sobrepor às barreiras intencionalmente interpostas à sua qualificação<sup>3</sup>.

Nesse cenário, nada é capaz de retratar todo o sofrimento, desilusão, expectativa, muitas vezes frustrada, medo, ansiedade e outras emoções vivenciadas pelos usuários a espera de atendimento. Nenhum dado seria capaz de caracterizar a impessoalidade do atendimento; as horas perdidas em longas filas à procura de cuidados, muitas vezes invasivos e pouco resolutivos; o desencanto frente às barreiras interpostas entre clientes e profissionais da Saúde; o desespero de perceber a própria piora ou a de seus familiares sem entender o que se passa ao seu redor; a expressão de temor frente às rotinas hospitalares existentes, muito mais para satisfazer expectativas institucionais do que para qualificar a assistência e, o que é pior, a decepção evidente em suas faces à medida que percebem que o acesso ao atual Sistema de Saúde pouco significou para a sua condição<sup>3</sup>.

Nesse contexto, diferentes doentes, inseridos em realidades e possibilidades diversas, entram e saem das instituições sem que os profissionais sequer tenham percepção da complexidade e abrangência desse quadro. Nele, diferentes profissionais tentam exercer uma prática que prima por ações desarticuladas, pouco resolutivas e auto-limitadas, caracterizadas enquanto fragmentos de um todo desconhecido e anacrônico. Compartilham conflitantemente de um mesmo espaço e de uma mesma responsabilidade frente ao assistir-cuidar porém mal se percebem enquanto equipe.

Aqui, o desafio se constitui no engajamento capaz de superar esteriótipos e uma realidade de prática parcial e alienada, cujo desempenho avilta pelo esvaziamento do domínio de um processo de trabalho quase sempre realizado em condições aquém do necessário.

Entretanto, se a dimensão da crise da Saúde, inserida no macrosistema nacional, é insustentável, cabe a todos a reversão desse projeto que faz da exacerbação da desigualdade social a sua marca registrada. A força desse movimento, a direção e o sentido a serem dados à reorganização do Sistema dependerá, tanto da capacidade de organização coletiva no sentido de conquistar o acesso a um atendimento quantitativo a qualitativamente satisfatório, envolvendo todos os canais existentes de representação como também, da intencionalidade e preparo dos profissionais responsáveis por essa prática. Nesse sentido, vale mais uma vez, ressaltar nossa convicção de que sem o engajamento da Enfermagem essa mudança não se dará, pois esta é a profissão que mais oferece sustentação ao Sistema seja para reiterá-lo, seja para tentar transformá-lo.

E aqui se identifica o terceiro grande desafio a ser vivenciado por vocês a partir desse momento. Aqui a tarefa relaciona-se ao movimento de consolidação da Enfermagem enquanto ciência que compartilha da esfera do curar sem perder sua identidade. Aqui, o inédito diz respeito à árdua tarefa de resistir à tendência de automação, de se preparar para negar as estratégias de cooptação intrínsecas às políticas institucionais que visam afastar os enfermeiros da sua atividade assistencial, induzindo-os à assimilar funções pautadas na intermediação do poder e na diluição da responsabilidade e da capacidade de intervenção crítica e competente. Aqui, o inovador significa lutar para que efetivamente esta Escola lhes possibilite adquirir conhecimentos para identificar situações, avaliar e evoluir condições, necessidades, expectativas e possibilidades dos usuários, aprendendo a implementar ações adequadas à demanda por cuidados<sup>4</sup>.

Aprender a dominar a essência do processo de cuidar enquanto seqüência dinâmica e articulada de ações necessárias e suficientes para a construção, utilização e validação do saber-fazer da equipe de enfermagem, agregando intervenções *específicas* — esfera do cuidar — e ações *complementares e interdependentes* do conjunto multiprofissional — esfera do assistir — cuidar<sup>4</sup>, deverá ser a meta de cada um de vocês a partir de agora porque este é, a meu ver, um indicador de competência. Competência acrescida por um significado pautado na destreza com o comínio intelectual da ação.

E é nesse cenário que se configura o quarto desafio de um aluno ingressante, abrangendo, agora, a inserção no processo de ensino de graduação em Enfermagem. Aqui também há uma árdua porém factível tarefa.

Por convicção, consideramos que participar do processo de superação da desvalorização do pedagógico e da superestimação do fazer pelo fazer, buscando dar à profissionalização um cunho crítico transformador pressupõe tentar construir um currículo pautado na categoria *processo de cuidar*, abrangendo conteúdos inerentes à instrumentalização *sobre o cuidar e para o cuidar*. A instrumentalização sobre o cuidar diz respeito à valorização de conteúdos e estratégias capazes de potencializar a compreensão dos alunos acerca das condições objetivas da profissão assumida, enquanto atividade a ser exercida de forma livre e consciente. Esse processo, se conjuntamente assumido por alunos e professores, deverá abranger a compreensão da especificidade desse trabalho, incluindo a sua determinação, o significado, as diferentes possibilidades de organização e articulação, além das possíveis consequências éticas e jurídicas das ações que configuram o seu contexto da prática<sup>4</sup>.

Numa dimensão complementar, o preparo para o cuidar pressupõe um processo de ensino capaz de promover o aprendizado a partir de referenciais teórico metodológicos respaldados na *esfera do cognitivo* — dimensão dos conhecimentos e habilidades específicas a serem desenvolvidas; — na *esfera do simbólico* — dimensão voltada ao desenvolvimento da capacidade discente de apreensão, compreensão e intervenção no contexto das crenças, atitudes e concepções inerentes ao processo saúde-doença, enquanto espaço privilegiado para a manifestação do capital simbólico e das representações sociais dos diferentes agentes envolvidos nessa prática. Processo de ensino, respaldado ainda na *esfera da política*, espaço do desvendamento das relações de poder interpessoal, intra e interinstitucional<sup>4</sup>.

Aqui, o desafio diz respeito ainda a ousar promover estratégias educacionais que visem superar formas de aprendizado pautadas numa concepção que, segundo RODRIGUES<sup>5</sup>, se respalda numa valorização de corpo científico, regido por leis naturais que dissociam o homem, tanto do seu contexto social como também da sua dimensão intrapsíquica, superando a relação profissional-máquina que manipula um corpo máquina. Nesse contexto, estratégias aptas a promoverem a inserção do aluno no universo das práticas de Saúde, estimulando sua motivação como condição necessária ao movimento de transição de uma forma caótica de compreensão para uma manifestação síntese do saber, do fazer e do investigar Enfermagem, culminando numa crescente, fundamentada e processual intervenção no contexto da prática, constituem, a meu ver, o horizonte desta Escola.

Finalizando, cabe ressaltar um último porém primordial desafio a ser continuamente assumido por todos nós, ou seja, o de negar o peso da inércia e da vivência reducionista e cristalizada dos velhos chavões que vêm configurando a interação docente-discente inclusive no âmbito do ensino de 3º grau. Pela reiteração desses papéis sociais tornamo-nos marionetes de um sistema que, ao negar a essência humana, abrindo mão do eterno compromisso em ousar transcender ao já vivido, simplesmente repete um processo de ensino alienado e alienante. Segundo CHAVES<sup>6</sup>, “para possibilitar o movimento evolutivo, evitando o empobrecimento pessoal, torna-se necessário recusarmos a reiteração do papel social desmedido, pouco questionado, permitindo o conflito gerado pela rebelião das aspirações humanas contra o conformismo”. Para a autora, “esse processo de recusa e crescimento viabiliza-se a partir do momento em que o objeto de oposição torna-se conhecido, desvendado e questionado para ser posteriormente superado”.

Portanto, eis aqui, na dimensão do domínio da intencionalidade, a matriz de todas as possibilidades de identificação e superação dos obstáculos à nossa plena realização. Em síntese, na intensa e contínua busca do domínio intelectual de nossas vivências encontramos a dimensão precursora do ser e do estar conscientemente inseridos no nosso tempo e no nosso universo de ensino e prática da Enfermagem.

Se as pulsões nos possibilitam a vivência das sensações que nos atrelam ao reino afetivo, o exercício incessante da razão nos possibilita transcender à natureza e ousadamente participar da transformação do nosso mundo e da nossa profissão. Parabéns por esse dia e sucesso sempre.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. **Subsídios para a conceituação da assistência de enfermagem rumo à reforma sanitária.** Brasília, 1987. 6p.
2. CHAVES E.C. O desempenho de novos papéis: o ser docente e o ser aluno de Enfermagem./Apresentado em Encontro sobre Ensino de 3º Grau em Enfermagem: perspectivas para a construção de novos referenciais do processo pedagógico, São Paulo, 1991.
3. IDE, C.A.C. Fundamentos e perspectivas para a questão da força de trabalho na enfermagem. São Paulo, 1989, 316p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.
4. IDE, C.A.C. O papel da Universidade na produção, organização, articulação e divulgação de conteúdos específicos./Apresentado em Encontro sobre Ensino de 3º Grau em Enfermagem: Perspectivas para a construção de novos referenciais do processo pedagógicos, São Paulo, 1991.
5. RODRIGUES, A.M. Poder e cultura nas organizações. **Rev. Paul. Enf.**, v. 10, nº 2, p. 67-72, 1991.
6. SERRA, J. A obsessão educacional. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13 jun. 1991. p 1-3.